

*Os graus da humildade
e da soberba*

*São Bernardo
de Claraval*

OS GRAUS DA HUMILDADE E DA SOBERBA

SÃO BERNARDO DE CLARAVAL

Tradução por IA (ChatGPT)
do *original espanhol*

ÍNDICE

Retratação

Prefácio

Vantagens proporcionadas pelos graus ascendentes

Primeiro grau da soberba: a curiosidade

Segundo grau: a leviandade de espírito

Terceiro grau: a alegria tola

Quarto grau: a jactância

Quinto grau: a singularidade

Sexto grau: a arrogância

Sétimo grau: a presunção

Oitavo grau: a desculpa dos pecados

Nono grau: a confissão fingida

Décimo grau: a rebelião

Décimo primeiro grau: a liberdade de pecar

Décimo segundo grau: o hábito de pecar

Últimas palavras ao destinatário

RETRATAÇÃO

§ 1 Já tinha redigido quase metade deste tratado quando me ocorreu confirmar e corroborar uma afirmação, citando aquela passagem do Evangelho em que o Senhor confessa ignorar o dia do juízo. Cometi, porém, uma imprudência, pois depois apercebi-me de que o Evangelho não se exprime assim. O texto diz apenas: «Nem o Filho o sabe.» Eu, pelo contrário, levado pela minha própria ideia e sem intenção de forçar o sentido, não me lembrava das palavras exatas, mas apenas do seu significado; por isso escrevi: «Nem o Filho do Homem o sabe.»

§ 2 Ao iniciar a discussão seguinte, procurei demonstrar a autenticidade da afirmação, partindo de uma premissa contrária à verdade. Mas, como só me apercebi desse erro muito depois de ter divulgado o livro e de este ter sido copiado por muitas pessoas, não encontrei outra solução senão fazer esta retratação. Com efeito, por estar já espalhado por tantos manuscritos, não me foi possível corrigir o erro em todos eles.

§ 3 Noutra ocasião, expus uma opinião acerca dos serafins que nunca ouvi nem li. Repare o leitor na prudência do autor, que se exprime dizendo: «penso». Não queria apresentar senão uma simples opinião sobre algo cuja veracidade não pude demonstrar pelas Escrituras.

§ 4 Por fim, até se pode discutir a pertinência do título «Sobre os graus da humildade», dado que descrevo sobretudo os graus da soberba. Insistirão nisto os menos perspicazes ou aqueles que ignoram as razões do título. No final do tratado, procuro justificá-lo muito brevemente.

PREFÁCIO

§ 1 Pediste-me, irmão Godofredo, que pusesse por escrito, com algum desenvolvimento, aquilo que preguei aos irmãos sobre os graus da humildade. Procurei satisfazer o teu pedido como ele merece, embora receasse não ser capaz de o fazer. Confesso-te que nunca me saía da mente o conselho do Evangelho: não me atrevia a começar sem primeiro ponderar se dispunha dos meios necessários para levar a obra a cabo.

§ 2 E, quando a caridade já tinha afastado o receio de não conseguir terminá-la, assaltou-me outro temor, de sinal contrário. Se a terminasse, ficaria exposto ao perigo da vanglória, perigo muito mais grave do que a vergonha de não a concluir. Por isso, dividido entre o temor e a caridade, como quem se encontra perante dois caminhos, hesitei durante muito tempo sobre qual deles deveria seguir. Receava que, se falasse utilmente da humildade, pudesse dar a impressão de não ser humilde; e que, se me calasse por humildade, pudesse ser considerado inútil.

§ 3 Não confiava em nenhum destes dois caminhos, mas via-me obrigado a escolher um. Pareceu-me melhor partilhar contigo o fruto das minhas palavras do que permanecer sozinho, em segurança, no porto do meu silêncio. Confio que, se por acaso disser algo que te agrade, a tua oração fará com que eu não me envaideça por isso. E se, pelo contrário — o que parece mais provável —, não conseguir escrever nada à altura do teu talento, então também não terei motivo algum para me ensoberbecer.

VANTAGENS PROPORCIONADAS PELOS GRAUS ASCENDENTES

Capítulo 1

§ 1 Antes de começar a falar dos graus de humildade propostos por São Bento, não para os enumerar, mas para os subir, quero mostrar-te, se puder, aonde nos conduzem. Assim, conhecendo antecipadamente o fruto que nos espera à chegada, não nos deixaremos abater pelo esforço da subida.

§ 2 Quando o Senhor diz: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida», mostra-nos o esforço do caminho e a recompensa desse esforço. Chama-se à humildade o caminho que conduz à verdade. A humildade é o esforço; a verdade, a recompensa do esforço. «Como sabes», dirás tu, «que esta passagem se refere à humildade, se Ele disse apenas, de modo indefinido: “Eu sou o caminho”?» Escuta-o falar mais concretamente: «Aprendeis de mim, que sou manso e humilde de coração.»

§ 3 Apresenta-se como exemplo de humildade e modelo de mansidão. Se o imitares, não andarás nas trevas, mas terás a luz da vida. E que é a luz

da vida senão a verdade? A verdade ilumina todo o homem que vem a este mundo; mostra onde se encontra a verdadeira vida. Por isso, depois de dizer: «Eu sou o caminho e a verdade», acrescentou: «e a vida». Como se dissesse: «Eu sou o caminho que conduz à verdade; sou a verdade que promete a vida; sou a vida e sou eu que a dou.» Pois Ele próprio diz: «Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, que enviaste.»

§ 4 Mas, se disseses: «Vejo perfeitamente o caminho, que é a humildade; desejo o fruto, que é a verdade; mas que farei se o esforço do caminho for tão pesado que não consiga alcançar a recompensa desejada?», Ele responde-te: «Eu sou a vida», o alimento para a viagem, do qual tirarás forças para o caminho.

§ 5 O Senhor proclama aos extraviados e aos que desconhecem o caminho: «Eu sou o caminho»; aos que duvidam e aos que não creem: «Eu sou a verdade»; e aos que já sobem, arrastando o seu cansaço: «Eu sou a vida». Parece-me que esta passagem mostra com suficiente clareza que o conhecimento da verdade é fruto da humildade.

§ 6 Repara ainda nestas palavras: «Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas» — referindo-se, sem dúvida, aos segredos da verdade — «aos sábios e aos prudentes», isto é, aos soberbos, «e as revelaste aos pequeninos», ou seja, aos humildes. Também aqui se ensina que a verdade se esconde aos soberbos e se revela aos humildes.

Capítulo 2

§ 1 A humildade poderia definir-se assim: é uma virtude que leva o homem a reconhecer a sua pequenez à luz do conhecimento claro que tem de si próprio. Esta definição aplica-se muito bem àqueles que decidiram progredir no íntimo do coração. Avançam de virtude em virtude, de grau em grau, até chegarem ao cume da humildade. Aí, em atitude contemplativa, como em Sião, deixam-se arrebatados pela verdade, pois está dito que o legislador dará a sua bênção. Aquele que promulgou a lei dará também a bênção; aquele que exigiu a humildade conduzirá à verdade.

§ 2 Quem é este legislador? É o Senhor, bom e justo, que promulgou a sua lei para os que se desviam do caminho. Desviam-se todos os que abandonam a verdade. E ficarão eles desamparados por um Senhor tão bom? Não. É precisamente a eles que o Senhor, bom e justo, oferece como lei o caminho da humildade. Deste modo, poderão voltar ao conhecimento da verdade. Porque é bom, dá-lhes a oportunidade de recuperar a salvação; mas, porque é justo, fá-lo sem pôr de parte a disciplina da lei. É bom, porque não se resigna a que se percam; é justo, porque não deixa de aplicar o castigo merecido.

Capítulo 3

§ 1 Esta lei, que nos orienta para a verdade, foi promulgada por São Bento em doze graus. E, assim como pelos dez mandamentos da Lei e pela dupla circuncisão, que perfazem doze, se chega a Cristo, também, depois de subir estes doze graus, se alcança a verdade.

§ 2 O facto de o Senhor ter aparecido no cimo daquela escada que foi mostrada a Jacob como figura da humildade não indica, porventura, que o conhecimento da verdade se encontra no cume da humildade? O Senhor é a verdade, que não pode enganar-se nem enganar. Do alto da escada, olhava para os filhos dos homens, a ver se havia algum sensato que procurasse a Deus. E não te parece que o Senhor, que conhece todos os seus, clama lá do alto aos que o procuram: «Vinde a mim, todos os que me desejais, e saciai-vos dos meus frutos»; e também: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos darei descanso»?

§ 3 «Vinde», diz Ele. Aonde? A mim, que sou a verdade. Por onde? Pela humildade. Para obter o quê? «Eu vos darei descanso.» Que descanso promete a verdade àquele que sobe e concede àquele que chega? Será a caridade? Sim, pois, segundo São Bento, depois de subir todos os graus da humildade, chega-se imediatamente à caridade. A caridade é um alimento doce e agradável, que reanima os cansados, fortalece os fracos, alegra os tristes e torna suportável o jugo e leve a carga da verdade.

Capítulo 4

§ 1 A caridade é um alimento excelente. É o prato principal à mesa do rei Salomão. Exala o aroma das diversas virtudes, semelhante à fragrância das especiarias mais requintadas. Sacia os famintos e alegra os convivas. Com ela servem-se também a paz, a paciência, a bondade, a fortaleza de ânimo, a alegria no Espírito Santo e todos os outros frutos e virtudes que têm a sua raiz na verdade ou na sabedoria.

§ 2 A humildade também tem os seus acompanhamentos nesta mesa. O pão da dor e o vinho da compunção são as primeiras coisas que a verdade oferece aos principiantes, dizendo-lhes: «Vós que comeis o pão da dor, levantai-vos depois de vos terdes sentado.»

§ 3 Também não falta à contemplação o alimento sólido da sabedoria, amassado com a melhor farinha, nem o vinho que alegra o coração do homem. É com ele que a verdade presenteia os perfeitos, dizendo-lhes: «Comei, meus amigos; bebei e embriagai-vos, caríssimos.» A caridade, diz-nos, é o prato principal das filhas de Jerusalém. As almas imperfeitas, ainda incapazes de digerir aquele alimento sólido, têm de se alimentar de leite em vez de pão, e de azeite em vez de vinho. E é com razão que este prato se serve a meio do banquete: a sua suavidade não aproveita aos principiantes, que vivem no temor, nem basta aos perfeitos, que saboreiam a intensa doçura da contemplação.

§ 4 Enquanto não se curarem das más paixões e dos prazeres carnaais com o remédio amargo do temor, os principiantes não podem experimentar a doçura do leite. Os perfeitos já foram desmamados; agora alegram-se por comer esse outro alimento, antecipação da glória. A caridade aproveita apenas aos que se encontram entre uns e outros, àqueles que progridem e que já provaram, em alguns goles, o seu sabor agradável. E, por causa da sua tenra idade, contentam-se com isso.

Capítulo 5

§ 1 O primeiro prato é, pois, o da humildade: um remédio amargo. Vem depois o prato da caridade, cheio de sabor e consolação. Segue-se o da contemplação, o alimento sólido. Pobre de mim! Até quando, Senhor, continuarás irado com o teu servo que te suplica? Até quando me alimentarás com o pão das lágrimas e me darás a beber lágrimas em

abundância? Quem me convidará a comer daquele último prato ou, pelo menos, do saboroso alimento da caridade, servido a meio do banquete? Os justos comem-no na presença de Deus, transbordando de alegria. Então já não teria de pedir a Deus, com amargura de alma: «Não me condenes!» Pelo contrário, celebrando o banquete com os ázimos da pureza e da verdade, cantaria alegremente nos caminhos do Senhor, porque grande é a glória do Senhor.

§ 2 Bom é, portanto, o caminho da humildade: nele procura-se a verdade, encontra-se a caridade e partilham-se os frutos da sabedoria. O fim da Lei é Cristo; e a perfeição da humildade é o conhecimento da verdade. Cristo, quando veio ao mundo, trouxe a graça. A verdade, quando se revela, oferece a caridade. Mas manifesta-se sempre aos humildes. Por isso, a graça é dada aos humildes.

Capítulo 6

§ 1 Expus, tanto quanto me foi possível, o fruto que nos espera no fim da subida por todos os graus da humildade. Agora, se puder, falarei da ordem pela qual esses graus nos conduzem ao tão desejável prêmio da verdade.

§ 2 EM QUE ORDEM SE ALCANÇA O FIM PROPOSTO

Como o conhecimento da verdade tem, por sua vez, três graus, procurarei explicá-los brevemente. Assim se verá com maior clareza a que grau da verdade corresponde o décimo segundo grau da humildade. Procuramos a verdade em nós próprios, no próximo e nela mesma. Em nós próprios, pelo exame de consciência; no próximo, pela compaixão pelas suas desgraças; e nela mesma, pela contemplação de um coração puro.

§ 3 Indiquei-te o número dos graus; observa agora a sua ordem. Antes de mais, gostaria que a própria verdade te ensinasse por que razão deve ser procurada no próximo antes de ser contemplada em si mesma. Depois compreenderás por que razão deves procurá-la em ti antes de a procurares no próximo. Ao proclamar as bem-aventuranças, o Senhor colocou os misericordiosos antes dos puros de coração. É que os misericordiosos

descobrem prontamente a verdade no próximo. Dirigem para os outros os seus afetos e identificam-se de tal modo com eles que sentem como seus os bens e os males alheios. Adoecem com os doentes; afligem-se com os que sofrem escândalo; alegram-se com os que estão alegres e choram com os que choram. Purificados no íntimo do coração por esta caridade fraterna, deleitam-se em contemplar a verdade em si mesma, por amor da qual partilham as desgraças dos outros.

§ 4 Pelo contrário, aqueles que não entram assim em sintonia com os seus irmãos, mas ofendem os que choram, desprezam os que se alegram ou não sentem em si o que os outros sentem, nunca poderão descobrir a verdade no próximo.

§ 5 A todos eles se aplica aquele conhecido dito: nem quem está de saúde sente o que sente o doente, nem quem está saciado sente o que sente quem tem fome. São o doente e quem tem fome que melhor se compadecem dos doentes e dos famintos, porque conhecem essa experiência. Só o coração puro compreende a verdade pura; e ninguém sente tão vivamente a miséria do irmão como o coração que reconhece a sua própria miséria. Para sentires a tua miséria na miséria do teu irmão, precisas primeiro de conhecer a tua própria miséria. Assim poderás viver em ti os problemas dele e sentir-te impelido a ajudá-lo. Este foi o modo de agir do nosso Salvador: quis sofrer para saber compadecer-se; fez-se pobre e vulnerável para aprender a ter misericórdia. Por isso se escreveu a seu respeito: «Aprendeu a obediência por aquilo que sofreu.» Deste modo, conheceu por experiência a misericórdia. Isto não significa que Aquele cuja misericórdia é eterna desconhecesse a misericórdia, mas que aprendeu no tempo, pela experiência, aquilo que desde a eternidade conhecia pela sua natureza.

Capítulo 7

§ 1 Talvez te pareça exagerada a afirmação que acabo de fazer: que Cristo, Sabedoria de Deus, tenha tido de aprender a ser misericordioso, como se Aquele por quem todas as coisas foram feitas pudesse alguma vez ter ignorado algo daquilo que foi criado. Tanto mais que as passagens citadas da Carta aos Hebreus podem ser entendidas noutro sentido. Não é

absurdo considerar que a palavra «aprendeu» se refere, não à Cabeça, à pessoa de Cristo, mas ao seu corpo, a Igreja. Nesse caso, o sentido completo da frase «aprendeu a obediência por aquilo que sofreu» seria este: aprendeu a obediência no seu corpo por aquilo que padeceu na Cabeça.

§ 2 Aquela morte, aquela cruz, aquelas afrontas, cuspidelas e açoites que a nossa Cabeça, Cristo, suportou, que foram para o seu corpo, para nós, senão exemplos admiráveis de obediência? «Cristo», diz São Paulo, «fez-se obediente ao Pai até à morte, e morte de cruz.» Porquê? Responde-nos o apóstolo Pedro: «Cristo sofreu por vós, deixando-vos o exemplo, para que sigais os seus passos», isto é, para que imiteis a sua obediência.

§ 3 De tudo o que Ele sofreu por nós, simples homens, aprendemos quanto nos convém sofrer por obediência, pois Ele, sendo Deus, não hesitou em morrer. «Segundo esta interpretação», dirás tu, «já não há inconveniente em dizer que Cristo aprendeu no seu corpo a obediência, a misericórdia ou qualquer outra coisa, desde que não se pense que o Senhor, na sua pessoa, tenha aprendido durante a vida terrena algo que antes ignorasse.» Assim, Ele aprende e ensina ao mesmo tempo a misericórdia e a obediência, porque a Cabeça e o corpo são um só Cristo.

Capítulo 8

§ 1 Não nego que esta interpretação possa ser aceite. No entanto, há outra passagem da mesma carta que parece apoiar a interpretação anterior: «Não é aos anjos que Ele estende a mão, mas à descendência de Abraão. Por isso, teve de se tornar em tudo semelhante aos seus irmãos, para ser misericordioso.» Creio que estas palavras se referem exclusivamente à Cabeça, e não ao corpo. Diz-se que a Palavra de Deus não estende a mão aos anjos, isto é, que não se uniu pessoalmente a eles, mas sim à descendência de Abraão. Também não lemos: «A Palavra fez-se anjo», mas: «A Palavra fez-se carne» — carne da descendência de Abraão, segundo a promessa que lhe fora feita. Por isso, ao tornar-se filho de Abraão, teve de se fazer em tudo semelhante aos seus irmãos. Ou seja, convinha e era necessário que, frágil como nós, passasse por todas as nossas misérias, exceto pelo pecado.

§ 2 Perguntas: «Porque era necessário?» A resposta está aí mesmo: para ser misericordioso. E, se insistires: «Porque não podem estas palavras referir-se ao corpo?», escuta o que vem a seguir: «Porque Ele próprio passou pela prova do sofrimento, pode ajudar os que agora são postos à prova.» Não vejo melhor interpretação destas palavras do que a referência à sua vontade de sofrer, de ser posto à prova e de passar por todas as misérias humanas, exceto pelo pecado. Era essa a maneira de se tornar em tudo semelhante aos seus irmãos. Assim aprendeu, por experiência própria, a ter misericórdia e a compadecer-se dos que sofrem e são postos à prova.

Capítulo 9

§ 1 Não quero dizer que esta experiência o tenha tornado mais sábio. O que importa é que agora está muito mais próximo de nós, frágeis filhos de Adão. Também não hesitou em chamar-nos seus irmãos e em fazer-nos irmãos seus, para que não hesitemos em confiar-lhe as fraquezas que, como Deus, pode curar e que, por estar próximo de nós, quer curar. Já as conhece, porque sofreu. Com razão Isaías lhe chama «homem de dores, habituado ao sofrimento». O Apóstolo acrescenta: «Não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas.» E indica logo a razão dessa compaixão: «Foi posto à prova em tudo, como nós, exceto no pecado.»

§ 2 Deus é bem-aventurado. O Filho de Deus também é bem-aventurado naquela condição em que não Se apegou à sua igualdade com o Pai. Antes de Se despojar da sua condição e tomar a condição de servo, era incapaz de sofrer. Até então não conhecia por experiência a miséria nem a submissão; também não conhecia por experiência a misericórdia nem a obediência. Conhecia-as pela sua natureza, mas não por experiência própria. Porém, rebaixou-Se a Si mesmo, fazendo-Se um pouco inferior aos anjos, que são incapazes de sofrer por graça, e não por natureza; e desceu a uma condição em que podia sofrer e submeter-Se. Como já disse, isso era impossível na sua condição divina. Por isso, aprendeu a misericórdia no sofrimento e a obediência na submissão. Contudo, como disse antes, esta experiência não aumentou o seu conhecimento: aumentou a nossa confiança, pois, por meio desta dolorosa forma de conhecer, aproximou-Se de nós Aquele de quem estávamos tão longe.

§ 3 Quando nos teríamos atrevido a aproximar-nos d'Ele, se tivesse permanecido incapaz de sofrer? Agora, porém, o Apóstolo exorta-nos a aproximar-nos com confiança do trono da graça d'Aquele que, como está escrito noutro lugar, «suportou os nossos sofrimentos e carregou as nossas dores». Temos a certeza de que pode compadecer-Se de nós, porque Ele próprio sofreu.

Capítulo 10

§ 1 Não nos deve parecer absurdo dizer que Cristo conhecia desde sempre a misericórdia pela sua divindade, mas de maneira diferente daquela como a conheceu no tempo pela encarnação. Não queremos dizer que Cristo tenha começado a saber algo que antes ignorava. Repara que o Senhor usou uma expressão semelhante quando respondeu à pergunta dos discípulos acerca do último dia. Declarou que não o sabia. Seria possível que Ele, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência, desconhecesse quando chegaria o último dia? Como poderia, então, negar que o sabia, sendo evidente que não podia ignorá-lo? Teria mentido para lhes ocultar o que não convinha revelar? De modo nenhum. Se, por ser a Sabedoria, nada pode ignorar, por ser a Verdade também não pode mentir. Não quis alimentar uma curiosidade inútil; por isso, negou saber aquilo que lhe perguntavam. Não o negou, contudo, de modo absoluto, mas com uma espécie de restrição. Com efeito, se pelo olhar da sua divindade via todas as coisas — passadas, presentes e futuras —, conhecia perfeitamente aquele dia; não o conhecia, porém, pela experiência dos sentidos corporais. Se assim fosse, já teria aniquilado o anticristo com o sopro da sua boca; já teria ouvido o brado do arcanjo e o som da trombeta, ao qual os mortos ressuscitarão; já teria visto também, com os olhos do corpo, as ovelhas e os cabritos que deverão ser separados uns dos outros.

Capítulo 11

§ 1 Compreenderás melhor que, ao declarar que não sabia quando chegaria o último dia, Ele se referia apenas ao seu conhecimento humano, se examinares a precisão da sua resposta. Não disse: «Eu não o sei», mas: «Nem o Filho do Homem o sabe.» Que indica a expressão «Filho do Homem» senão a natureza humana que assumiu? Com este nome dá a

entender que, quando diz não saber alguma coisa, não fala como Deus, mas como homem. Noutras ocasiões, quando fala de si enquanto Deus, não emprega a expressão «Filho» ou «Filho do Homem», mas «eu» ou «mim». Por exemplo: «Em verdade, em verdade vos digo: antes de Abraão nascer, eu já existia.» Diz «eu já existia», e não «o Filho do Homem já existia». Não há dúvida de que fala da natureza pela qual existe desde a eternidade, antes de Abraão, e não da natureza pela qual nasceu depois de Abraão e descende dele.

§ 2 Também quando quis saber, pela boca dos discípulos, que opinião tinham os homens a seu respeito, perguntou-lhes: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» Não perguntou: «Quem dizem os homens que eu sou?» Mas, ao perguntar em seguida qual era a opinião dos próprios discípulos, disse-lhes: «E vós, quem dizeis que eu sou?» Não disse: «Quem dizeis que é o Filho do Homem?» Ao querer saber o que o povo, atento à sua condição humana, pensava acerca da sua humanidade, usou um nome que a designa: «Filho do Homem». Mas, ao perguntar aos discípulos, que eram espirituais, acerca da sua divindade, não Se designou como Filho do Homem; referiu-Se diretamente a Si próprio: «eu». Pedro compreendeu o que Ele lhes perguntava e respondeu acertadamente: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus.» Não disse: «Tu és Jesus, o filho da Virgem.» Se tivesse respondido assim, teria sem dúvida dito a verdade. Mas, percebendo com perspicácia o sentido da pergunta, respondeu de forma adequada: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus.»

Capítulo 12

§ 1 Sabes que Cristo é uma só pessoa em duas naturezas: uma, pela qual existe desde sempre; outra, pela qual começou a viver no tempo. Pela sua natureza eterna conhece sempre todas as coisas; na sua vida terrena, aprendeu muitas coisas no tempo. Porque hesitas em admitir que, assim como começou a viver corporalmente num determinado momento da história, também começou a conhecer as misérias humanas por aquele género de conhecimento próprio da fragilidade humana?

§ 2 Quanto mais sábios e felizes teriam sido os nossos primeiros pais se tivessem ignorado este género de conhecimento, que não podiam adquirir

sem se tornarem insensatos e infelizes! Mas Deus, seu Criador, procurando o que se tinha perdido, prosseguiu com compaixão a sua obra e desceu misericordiosamente até onde eles se tinham afundado na desgraça. Quis experimentar em Si aquilo que os nossos primeiros pais sofriam justamente por terem agido contra Ele. Moveu-O, porém, não uma curiosidade semelhante à deles, mas uma admirável caridade; e fê-lo não para ser mais um infeliz entre os infelizes, mas para libertar os desgraçados, tornando-Se misericordioso. Tornou-Se misericordioso, não com aquela misericórdia que possuía desde sempre, permanecendo bem-aventurado, mas com a misericórdia que experimentou ao fazer-Se um de nós e partilhar a nossa miséria.

§ 3 Assim, a obra que começara pela misericórdia eterna levou-a a cabo pela misericórdia manifestada no tempo. Não porque não pudesse realizá-la apenas com a primeira, mas porque, para nós, a misericórdia eterna, sem esta manifestação no tempo, não teria bastado. Ambas foram necessárias, mas a segunda foi a mais adequada à nossa condição.

§ 4 Ó inefável desígnio de bondade! Teríamos sequer podido imaginar aquela admirável misericórdia eterna se não tivesse surgido primeiro a miséria que nos permite concebê-la? Quando teríamos descoberto aquela compaixão, até então desconhecida para nós, que, sem a Paixão, teria permanecido incapaz de sofrer?

§ 5 No entanto, se aquela misericórdia que não conhece a miséria não tivesse existido antes, também não teria surgido esta outra misericórdia, nascida da miséria. Se não tivesse surgido, também não nos teria atraído; e, se não nos tivesse atraído, não nos teria tirado de onde estávamos. Tirado de onde? Do poço da miséria e do lodo do pântano.

§ 6 Mas o Senhor não Se despojou da misericórdia eterna: acrescentou-lhe a misericórdia manifestada no tempo. Não a trocou por outra; multiplicou-a, segundo está escrito: «Tu socorres os homens e os animais. Como multiplicaste a tua misericórdia, ó Deus!»

§ 1 Voltemos agora ao nosso assunto. Se Aquele que não conhecia a miséria Se sujeitou a ela para experimentar aquilo que já sabia, quanto mais deves tu — não digo tornar-te aquilo que não és, mas refletir sobre aquilo que és, pois conheces a miséria! Assim aprenderás a ter misericórdia. Só desse modo o podes aprender.

§ 2 Porque, se considerares o mal do teu próximo sem atenderes ao teu, sentir-te-ás tomado pela indignação, mas não movido pela compaixão; tenderás a julgar, não a ajudar; a destruir com violência, não a corrigir com suavidade. «Vós, que sois espirituais», diz o Apóstolo, «corrigi-o com toda a suavidade.» O conselho — ou, melhor, a ordem — do Apóstolo é que ajudes o teu irmão enfermo com a mesma suavidade com que desejas ser ajudado quando adoeces. É também que compreendas com que delicadeza deves tratar o pecador, tendo presente, como diz o mesmo Apóstolo, que também tu podes ser tentado.

Capítulo 14

§ 1 Convém considerar com que perfeição o discípulo da verdade segue a ordem estabelecida pelo Mestre. Nas bem-aventuranças a que me referi, os misericordiosos vêm antes dos puros de coração, e os mansos antes dos misericordiosos. O Apóstolo exorta os espirituais a corrigirem os que são carnis e acrescenta: «com toda a suavidade». Corrigir os irmãos é, sem dúvida, próprio dos misericordiosos; fazê-lo com suavidade é próprio dos mansos. É como se dissesse: não pode ser contado entre os misericordiosos quem não é manso. Vê como o Apóstolo indica claramente aquilo que antes prometi demonstrar: devemos procurar a verdade primeiro em nós próprios e só depois no próximo. Olhando para ti mesmo, isto é, reconhecendo como facilmente és tentado e como és propenso a pecar, tornar-te-ás manso. Então poderás aproximar-te dos outros para os socorrer com toda a suavidade. Se não és capaz de ouvir o discípulo que te aconselha, teme o Mestre que te acusa: «Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho; então verás bem para tirar o argueiro do olho do teu irmão.»

§ 2 A soberba é essa trave enorme e grossa que obscurece os olhos da mente e lhes encobre a verdade. O seu tamanho, porém, é aparente: resulta da vaidade e do orgulho, não de uma grandeza real e sólida. Se ela dominar

a tua mente, deixarás de te ver e de sentir tal como és ou podes vir a ser. Ver-te-ás antes como desejas ser, como julgas ser ou como esperas vir a ser. Que é a soberba senão, como a define um santo, o amor da própria importância? Indo ao extremo oposto, podemos afirmar que a humildade é o desprezo da própria importância.

§ 3 Nem o amor nem o ódio conhecem o juízo da verdade. Queres ouvir esse juízo? Escuta: «Julgo segundo o que ouço»; não segundo o que odeio, amo ou temo. Um juízo ditado pelo ódio seria: «Nós temos uma lei e, segundo essa lei, Ele deve morrer.» Um juízo ditado pelo temor seria: «Se O deixarmos continuar assim, virão os romanos e destruirão o nosso lugar santo.» E um juízo ditado pelo amor poderia ser o de David a respeito do seu filho Absalão: «Tratai bem o jovem Absalão.»

§ 4 Há uma regra estabelecida pelas leis humanas, observada tanto nas causas eclesiásticas como nas civis: os amigos íntimos das partes em litígio não devem ser chamados a julgar, para que o amor pelos seus amigos não os leve a enganar ou a deixar-se enganar. E, se a afeição que tens por um amigo pode influenciar o teu juízo, levando-te a atenuar ou a negar a sua culpa, quanto mais te enganará o amor que tens por ti próprio quando tiveres de te julgar?

Capítulo 15

§ 1 Quem desejar sinceramente conhecer a verdade sobre si mesmo deve tirar a trave da sua soberba, pois ela impede que os seus olhos recebam a luz. Em seguida, deve preparar-se para subir no interior do seu coração, observando-se tal como é, até alcançar, com o décimo segundo grau da humildade, o primeiro grau da verdade.

§ 2 Quando tiver encontrado a verdade em si mesmo — ou, melhor, quando se tiver encontrado a si mesmo na verdade —, poderá dizer: «Acreditei e por isso falei; mas como me encontro humilhado!» Penetre então mais profundamente no seu coração, para que a verdade seja exaltada, e chegará assim ao segundo grau, exclamando: «Todos os homens são mentirosos.» Pensas que David não seguiu esta mesma ordem? Pensas que o profeta não compreendeu aquilo que o Senhor, o Apóstolo e eu, seguindo o seu exemplo, compreendemos? Ele diz: «Acreditei» na Verdade, que dizia

neste mundo: «Quem Me segue não anda nas trevas.» Acreditei e segui-A; por isso falei, confessando. Que confessei? A verdade que conhecia pela fé. Depois de ter acreditado para alcançar a justiça e de ter falado para alcançar a salvação, «fui humilhado até ao extremo». Como se dissesse: uma vez que não tive vergonha de confessar contra mim mesmo a verdade que descobri em mim, cheguei ao extremo da humildade. «Extremo» pode entender-se como «plenitude», como naquela passagem do salmo: «Compraz-se plenamente nos seus mandamentos», isto é, encontra neles todo o seu prazer. Mas, se alguém sustentar que aqui significa «muito», e não «até ao limite», segundo a interpretação dos comentadores, essa tradução também estará de acordo com o pensamento do profeta.

§ 3 Por isso, quando ainda desconhecia a verdade, considerava-me alguém, embora na realidade nada fosse. Mas, desde que acreditei em Cristo, isto é, desde que imitei a sua humildade, comecei a conhecer a verdade. Ela foi exaltada em mim por causa da minha confissão. Eu, porém, sinto-me profundamente humilhado: a consideração daquilo que sou levou-me a ter de mim uma opinião muito baixa.

Capítulo 16

§ 1 Humilhado neste primeiro grau da verdade — como diz noutro salmo: «Humilhaste-me na tua verdade» —, o profeta observa-se a si mesmo e, consciente da sua própria miséria, considera a dos outros. Passa assim ao segundo grau e diz, no seu abatimento: «Todos os homens são mentirosos.» Que abatimento é este? Aquele em que sai de si mesmo e, aderindo à verdade, se julga. É nesse abatimento, sem irritação nem intenção de insultar, mas com toda a misericórdia e compaixão, que proclama: «Todos os homens são mentirosos.» Que quer isto dizer? Que todo o homem é fraco, pobre e incapaz de se salvar a si mesmo ou de salvar outro. De modo semelhante se diz: «O cavalo é enganador para alcançar a vitória.» Não porque o cavalo engane alguém, mas porque se engana quem confia na sua força. Da mesma maneira se diz que todos os homens são mentirosos: são frágeis e inconstantes, e deles não se pode esperar nem a própria salvação nem a dos outros, sem incorrer na maldição de quem põe a sua esperança noutro homem. Assim, o profeta, humilde e experiente no caminho da verdade, ao descobrir nos outros as misérias que chorou em si

mesmo, vê crescer com a experiência também a sua dor. E exclama, de modo muito geral, mas verdadeiro: «Todos os homens são mentirosos.»

Capítulo 17

§ 1 Repara como aquele fariseu soberbo pensava de si de maneira tão diferente. Que palavras lhe saíram espontaneamente do seu desvario? «Meu Deus, dou-Te graças porque não sou como os outros homens.» Compraz-se em si mesmo como se só ele existisse e, ao mesmo tempo, insulta os outros com arrogância. Muito diferentes eram os sentimentos de David. Ao afirmar que todos os homens são mentirosos, não exclui ninguém e, assim, não engana ninguém. Sabe que todos pecaram e estão privados da glória de Deus.

§ 2 O fariseu, pelo contrário, ao condenar os outros, engana-se apenas a si próprio, pois só a si se exclui. O profeta não se exclui da miséria comum, para não ficar excluído da misericórdia. O fariseu, ao ocultar a sua miséria, afasta de si a misericórdia. O profeta afirma, acerca de si e dos outros: «Todos os homens são mentirosos.» O fariseu afirma-o também acerca de todos, menos de si: «Não sou», diz ele, «como os outros homens.» E dá graças, não por ser bom, mas por se julgar único; não tanto pelos bens que possui como pelos males que vê nos outros. Ainda não tirou a trave do seu olho e já conta os argueiros nos olhos dos irmãos, acrescentando: «injustos, ladrões».

§ 3 Parece-me útil esta digressão. Ter-te-á ajudado a compreender a diferença entre a humilhação do profeta e o desvario do fariseu.

Capítulo 18

§ 1 Todos aqueles a quem a verdade levou a conhecerem-se e, por isso mesmo, a terem de si uma opinião humilde sentem tornar-se amargo tudo o que antes amavam, até o amor que tinham por si próprios. O confronto consigo mesmos obriga-os a ver-se como são e enche-os de vergonha. Desagrada-lhes aquilo que são e suspiram por aquilo que ainda não são, conscientes de que nunca o alcançarão pelas suas próprias forças. Choram amargamente a sua pobre condição e já não encontram outro consolo senão

o de se julgarem severamente a si mesmos; por amor da verdade, têm fome e sede de justiça. Chegam assim ao desprezo de si próprios, exigem de si uma reparação rigorosa e querem mudar de vida. Mas veem claramente que são incapazes de realizar os seus propósitos, pois, mesmo depois de terem feito tudo o que lhes foi mandado, reconhecem que são servos inúteis. Deste modo, deixam de confiar na sua própria justiça e refugiam-se na misericórdia. E, para obterem misericórdia, seguem o conselho da Verdade: «Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.»

§ 2 Este é o segundo grau da verdade. Aqueles que a ele chegam procuram a verdade no próximo; reconhecem as necessidades dos outros a partir das suas próprias necessidades e, pelo que sofrem, aprendem a compadecer-se dos que sofrem.

Capítulo 21

§ 1 Primeiro, o Filho, Palavra e Sabedoria de Deus Pai, ao ver aquela faculdade da nossa alma a que chamamos razão abatida pela carne, prisioneira do pecado, cegada pela ignorância e entregue às coisas exteriores, acolhe-a com clemência, ergue-a com fortaleza, instrui-a com prudência e fá-la voltar-se para o seu interior. E, revestindo-a de modo admirável com os seus próprios poderes, constitui-a juíza de si mesma. A razão torna-se ao mesmo tempo acusadora, testemunha e tribunal; exerce sobre si própria a função da verdade.

§ 2 Desta primeira união entre a Palavra e a razão nasce a humildade. Depois, o Espírito Santo digna-Se visitar a outra faculdade, a que chamamos vontade, ainda contaminada pelo veneno da carne, mas já iluminada pela razão. O Espírito purifica-a suavemente, inflama-a com o seu fogo e torna-a misericordiosa. Tal como uma pele embebida em líquido se distende, também a vontade, banhada pela unção celeste, se dilata pelo amor até alcançar os seus próprios inimigos. Desta segunda união do Espírito Santo com a vontade humana nasce a caridade. Consideremos ainda estas duas faculdades, a razão e a vontade. A razão é instruída pela Palavra da verdade; a vontade, pelo Espírito da verdade. A razão é aspergida com o hissopo da humildade; a vontade é abrasada pelo fogo da caridade. Juntas, constituem a alma perfeita, sem mancha por causa da

humildade e sem ruga por causa da caridade. Quando a vontade já não resistir à razão e a razão já não ocultar a verdade, o Pai unir-Se-á a ambas como a uma esposa gloriosa. Então a razão já não poderá ocupar-se de si própria, nem a vontade julgar o próximo, pois essa alma feliz só encontra consolo em repetir: «O rei introduziu-me nos seus aposentos.»

§ 3 Já foi considerada digna de deixar para trás a escola da humildade. Nela, instruída pelo Filho, aprendeu a entrar em si mesma, segundo a advertência que lhe fora feita: «Se não te conheces, vai apascentar os teus cabritos.» Foi considerada digna, repito, de passar da escola da humildade às despensas da caridade, que são os corações dos seus próximos. O Espírito Santo guiou-a e introduziu-a neles pela marca do amor. Alimenta-se de passas e fortalece-se com maçãs: os bons costumes e as santas virtudes. Por fim, abre-se-lhe o aposento do rei, por cujo amor desfalece.

§ 4 Aí, no grande silêncio que reina no céu durante meia hora, repousa docemente nos abraços que tanto desejava e adormece; mas o seu coração permanece vigilante. Aí vê realidades invisíveis e ouve coisas inefáveis que o homem nem sequer consegue balbuciar, pois excedem todo o conhecimento que a noite comunica à noite. O dia, porém, transmite ao dia a sua mensagem; por isso, é possível comunicar a sabedoria entre os sábios e partilhar as coisas espirituais com os espirituais.

Capítulo 22

§ 1 Paulo confessa que foi arrebatado até ao terceiro céu. Pensas que não tinha ultrapassado estes graus? Mas por que diz «arrebatado» em vez de «conduzido»? Para que eu, que sou menos do que Paulo, ao ouvir um apóstolo tão grande dizer que foi arrebatado até onde nenhum sábio soube chegar, nem sequer aquele que assim foi elevado pôde chegar por si mesmo, não presuma que posso alcançar essa meta pelas minhas forças ou pela minha perseverança. Assim, não confiarei na minha virtude nem me esgotarei em esforços inúteis. Quem é ensinado ou guiado tem, pelo próprio facto de seguir aquele que o ensina ou guia, de trabalhar e contribuir com alguma coisa para ser levado ao seu destino. Então poderá dizer: «Não fui eu, mas a graça de Deus.»

§ 2 Aquele que é arrebatado, porém, encontra-se como alguém que nada sabe do caminho e não se apoia nas suas forças, mas nas de outro. Não pode gloriar-se absolutamente de nada, pois aquilo que nele se realizou não foi feito por ele, nem com a sua colaboração. O Apóstolo pôde subir ao primeiro e ao segundo céu, guiado e levado pela mão. Mas, para chegar ao terceiro, teve de ser arrebatado. Está escrito que o Filho desceu para ajudar aqueles que deviam subir ao primeiro céu e que o Espírito Santo foi enviado para nos conduzir ao segundo. Em parte alguma, contudo, se diz que o Pai, embora atue sempre com o Filho e o Espírito Santo, tenha descido do céu ou sido enviado à terra.

§ 3 É verdade que leio: «A misericórdia do Senhor enche a terra.» E também: «O céu e a terra estão cheios da tua glória», além de muitas outras afirmações semelhantes. A respeito do Filho, leio ainda: «Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho.» E o próprio Filho diz de Si: «O Espírito do Senhor enviou-me.» Pelo mesmo profeta, exprime-Se assim: «E agora enviaram-me o Senhor e o seu Espírito.» Acerca do Espírito Santo, leio: «O Espírito Santo Consolador, que o meu Pai enviará em meu nome»; e também: «Quando Eu partir, enviar-vos-l'ho-ei», palavras que, sem dúvida, se referem ao Espírito Santo. Em contrapartida, em parte alguma leio que o Pai, embora esteja em toda a parte, Se encontre pessoalmente noutro lugar que não seja o céu. Assim diz o Evangelho: «E o meu Pai, que está no céu»; e assim dizemos na oração: «Pai nosso, que estais nos céus.»

Capítulo 23

§ 1 De tudo isto concluo que, se o Pai não desceu, o Apóstolo não podia subir até ao terceiro céu para O ver; por isso, recordou que tinha sido arrebatado. «Ninguém subiu ao céu senão Aquele que desceu do céu.» E não penses que se refere ao primeiro ou ao segundo céu, pois David diz-te: «A sua saída é desde o mais alto dos céus.» Foi a esse mesmo lugar que Cristo voltou; mas não foi arrebatado de repente nem transportado às escondidas: os apóstolos viram-n'O subir. Não aconteceu assim com Elias, que teve apenas uma testemunha, nem com Paulo, que não teve nenhuma; este mal pôde ser testemunha ou juiz do que lhe aconteceu, pois diz: «Eu não sei; Deus sabe.» Cristo, sendo todo-poderoso, desceu quando quis e

subiu quando Lhe aprouve. Quis esperar que houvesse testemunhas e espectadores; escolheu um lugar, um momento, um dia e uma hora determinados. Aqueles a quem quis conceder esse espetáculo viram-n'O subir.

§ 2 De tudo isto concluo que, se o Pai não desceu, o Apóstolo não podia subir até ao terceiro céu para O ver; por isso, recordou que tinha sido arrebatado. «Ninguém subiu ao céu senão Aquele que desceu do céu.» E não penses que se refere ao primeiro ou ao segundo céu, pois David diz-te: «A sua saída é desde o mais alto dos céus.» Foi a esse mesmo lugar que Cristo voltou; mas não foi arrebatado de repente nem transportado às escondidas: os apóstolos viram-n'O subir. Não aconteceu assim com Elias, que teve apenas uma testemunha, nem com Paulo, que não teve nenhuma; este mal pôde ser testemunha ou juiz do que lhe aconteceu, pois diz: «Eu não sei; Deus sabe.» Cristo, sendo todo-poderoso, desceu quando quis e subiu quando Lhe aprouve. Quis esperar que houvesse testemunhas e espectadores; escolheu um lugar, um momento, um dia e uma hora determinados. Aqueles a quem quis conceder esse espetáculo viram-n'O subir.

§ 3 Primeiro, humilham-se na verdade e dizem: «Humilhaste-me na tua verdade.» Depois, alegram-se com a verdade e cantam: «Como é bom e agradável viverem os irmãos em união!», pois da caridade está escrito: «Alegra-se com a verdade.» Em terceiro lugar, são arrebatados até aos mistérios da verdade e dizem: «O meu segredo é para mim, o meu segredo é para mim.»

Capítulo 24

§ 1 E como ousou eu, miserável, atravessar os dois céus superiores e dizer palavras vãs que nem eu próprio entendo? Ainda me arrasto pelo mais baixo dos três. Para subir a esse céu inferior, levantei uma escada com a ajuda de Deus, que lá do alto me chama. É esse o caminho que me conduz à salvação eterna. Ergo os olhos para o Senhor, que está nas alturas. Exulto ao ouvir a voz da Verdade. Ele chamou-me, e eu respondi-Lhe: «Estendes a tua mão direita para a obra das tuas mãos.»

§ 2 Tu, Senhor, contas os meus passos. Subo lentamente, caminho ofegante e procuro outra vereda. Ai de mim se as trevas me surpreendem, se a minha fuga acontece no inverno ou num sábado! Agora é o tempo favorável e o dia da salvação, e eu evito caminhar para a luz. Porque me atraso? Reza por mim, meu filho, meu irmão, meu amigo, e suplica ao Todo-Poderoso que firme o meu pé indolente e não deixe que os passos da soberba me alcancem. Se o passo indolente não serve para subir até à verdade, ainda assim é mais suportável do que o passo da soberba, como está escrito: «Caíram e não podem levantar-se.»

Capítulo 25

§ 1 Isto foi dito acerca dos soberbos. Mas que diremos do chefe de todos eles, daquele a quem se chama rei de todos os filhos da soberba? O próprio Senhor diz: «Não permaneceu na verdade»; e, noutro lugar: «Eu via Satanás cair do céu.» E por que caiu, senão pela soberba? Ai de mim se o Senhor, que conhece de longe o soberbo, vir que me ensoberbeci! Dirigir-me-á aquelas palavras terríveis: «Eras filho do Altíssimo, mas morrerás como um homem qualquer e cairás como todos os príncipes.» Quem não tremerá perante o estrondo deste trovão? Quanto melhor foi o anjo tocar a articulação da coxa de Jacob e deixá-la enfraquecida do que a soberba inchar, perder e fazer cair o anjo orgulhoso! Oxalá o anjo toque também a minha articulação e a torne fraca, para que eu, que com as minhas forças só consigo cair, comece a tirar proveito desta fraqueza. Com efeito, leio: «A fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.»

§ 2 O Apóstolo lamentava-se da fraqueza da sua articulação. A razão era que o próprio Satanás o esbofeteava, e não um anjo do Senhor. Mas Paulo ouviu esta resposta: «Basta-te a minha graça, pois a força manifesta-se plenamente na fraqueza.» Que força é essa? Diga-no-lo o próprio Apóstolo: «De muito boa vontade me gloriarei das minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo.» Talvez ainda não compreendas bem de que força fala em concreto, pois Cristo possui todas. Apesar disso, quando disse: «Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração», recomendou-nos uma acima de todas: a humildade.

Capítulo 26

§ 1 Senhor Jesus, também eu me gloriarei de muito boa vontade, se a minha fraqueza o permitir, na fraqueza da minha articulação, para que a tua força, a humildade, chegue em mim à perfeição; pois, quando as minhas forças falham, basta-me a tua graça. Firmando o pé da graça e aliviando o peso do meu, que é fraco, subirei em segurança os graus da humildade, até que, aderindo à verdade, chegue às planícies da caridade. Então cantarei em ação de graças: «Puseste os meus pés num caminho espaçoso.» É assim que se avança com muita cautela: sobe-se degrau a degrau a difícil escada, até alcançar a verdade, ainda que seja preciso arrastar-se ou coxear. Mas ai de mim! O meu exílio prolongou-se. Quem me dera asas de pomba para voar rapidamente até à verdade e encontrar repouso na caridade! Como não as tenho, ensina-me, Senhor, o teu caminho, para que siga a tua verdade; e a verdade me tornará livre. Pobre de mim, que desci daquela altura! Se não tivesse descido por leviandade e desleixo, não teria agora de me esforçar tanto para subir, e tão lentamente.

§ 2 E porque digo que desci? Seria muito mais exato dizer que caí. É verdade que, assim como ninguém sobe ao cume de repente, mas avança passo a passo, também ninguém se torna perverso de um dia para o outro. Vai-se descendo pouco a pouco. Se assim não fosse, como se poderia afirmar que o perverso se ensoberbece todos os dias da sua vida e que há caminhos que parecem direitos, mas conduzem à perdição?

Capítulo 27

§ 1 Há um caminho que sobe e outro que desce; um conduz ao bem, o outro ao mal. Evita o mau caminho e escolhe o bom. Se te sentes incapaz de o fazer, suplica com o profeta: «Afasta-me do caminho da falsidade.» De que maneira? «E concede-me a graça da tua lei», daquela lei que deste aos que pecam no caminho, aos que abandonam a verdade. Eu sou um deles, pois caí e afastei-me da verdade. Mas quem cai não poderá levantar-se? Por isso escolhi o caminho da verdade, para subir de novo até ao cume de onde caí pela minha soberba.

§ 2 Subirei e cantarei: «Foi bom para mim ter sido humilhado. Prefiro os preceitos da tua boca a milhares de moedas de ouro e de prata.» Pode parecer-te que David propõe dois caminhos, mas repara bem e verás que é

um só, com nomes diferentes. Chama-se iniquidade para os que descem e verdade para os que sobem. Os degraus são os mesmos para quem sobe ao trono e para quem desce. O caminho é o mesmo para quem se aproxima da cidade e para quem a abandona. E há uma só porta para quem entra na casa e para quem sai dela. Jacob viu em sonhos anjos que subiam e desciam pela mesma escada. Que significa tudo isto? Se queres voltar à verdade, não precisas de procurar um caminho novo e desconhecido. Basta-te aquele por onde desceste. Já o conheces. Percorrendo-o em sentido contrário, sobe com humildade os mesmos degraus que desceste com soberba. Assim, o décimo segundo grau da soberba para quem desce deve ser o primeiro da humildade para quem sobe; o décimo primeiro será o segundo; o décimo, o terceiro; o nono, o quarto; o oitavo, o quinto; o sétimo, o sexto; o sexto, o sétimo; o quinto, o oitavo; o quarto, o nono; o terceiro, o décimo; o segundo, o décimo primeiro; e o primeiro, o décimo segundo.

§ 3 Quando tiveres encontrado — ou, melhor, reconhecido em ti — estes graus da soberba, já não precisarás de te afadigar à procura do caminho da humildade.

PRIMEIRO GRAU DA SOBERBA: A CURIOSIDADE

Capítulo 28

§ 1 O primeiro grau da soberba é a curiosidade. Podes reconhecê-la por uma série de sinais. Se vires um monge que até então gozava de excelente reputação, mas que agora, onde quer que esteja — de pé, a andar ou sentado —, não faz senão olhar em todas as direções, sempre de cabeça erguida e com os ouvidos atentos a qualquer rumor, podes concluir, por estes gestos exteriores, que nele se deu uma mudança interior. «O homem perverso e malvado pisca os olhos, move os pés e faz sinais com os dedos.» Nestes movimentos invulgares do corpo podes descobrir os primeiros sinais de uma doença da alma. E a alma que, por desleixo, deixa de cuidar de si própria torna-se curiosa acerca dos assuntos alheios. Como não se conhece a si mesma, é mandada para fora, a apascentar os cabritos. Com razão se chama cabritos, símbolos do pecado, aos olhos e aos ouvidos: assim como a morte entrou no mundo pelo pecado, também entra na alma por estas janelas.

§ 2 O curioso entretém-se a apascentar esses cabritos, sem se preocupar com o seu estado interior. Se cuidares de ti com toda a atenção, dificilmente pensarás noutra coisa. Curioso, escuta Salomão. Insensato, escuta o sábio: «Acima de tudo, guarda o teu coração»; e todos os teus sentidos velarão por guardar aquilo de onde brota a vida. Curioso, para onde vais quando te afastas de ti mesmo? A quem te confias durante esse tempo? Como te atreves a erguer os olhos ao céu, tu que pecaste contra o céu? Fixa os olhos na terra para te conheceres. A terra mostrar-te-á a tua própria imagem, porque és terra e à terra hás de voltar.

Capítulo 29

§ 1 Há, contudo, dois motivos pelos quais te é permitido erguer os olhos sem cometer a menor falta: para pedir auxílio e para o oferecer. David ergueu os olhos para os montes a pedir auxílio. O Senhor ergueu-os para as multidões, movido pela compaixão. Um fê-lo por causa da sua miséria; o outro, por misericórdia. Em nenhum dos dois se encontrou vestígio de falta. Se, tendo em conta o lugar, o momento e o motivo, ergueres os olhos por necessidade tua ou do teu irmão, não só não te considerarei culpado como te louvarei muito: a miséria justifica o primeiro gesto e a misericórdia recomenda o segundo. Se o fizeres por outro motivo, pensarei que imitas, não o profeta nem o Senhor, mas Dina ou Eva, ou até o próprio Satanás.

§ 2 Dina saiu a apascentar os cabritos, foi arrancada ao pai e perdeu a virgindade. Dina, porque foste observar por curiosidade as mulheres estrangeiras? Que necessidade ou proveito te impelia? Foi por pura curiosidade? Tu olhas com ingenuidade, mas outros olham para ti com más intenções. Tu observas por curiosidade, mas outros observam-te com uma curiosidade ainda maior. Quem diria que aquela tua curiosa inocência — ou inocente curiosidade — seria não só inútil, mas tão prejudicial para ti, para os teus e para os inimigos?

Capítulo 30

§ 1 Eva, viverás no paraíso para o cultivar e guardar na companhia do teu marido. Se cumprires o que te foi ordenado, passarás a um lugar ainda melhor, onde já não terás de trabalhar a terra nem de te preocupar em

guardá-la. Podes comer dos frutos de todas as árvores do paraíso, exceto da chamada árvore do conhecimento do bem e do mal. Se os frutos das outras árvores são bons e saborosos, que te leva a comer da árvore cujo fruto te fará mal? Não se deve procurar saber mais do que convém. Provar o mal não é saboreá-lo, mas perder o gosto pelo bem. Guarda bem o que te foi confiado e espera o que te foi prometido. Evita o que te foi proibido, para não perderes o que já possuis.

§ 2 Porque te deixas dominar pela ideia da tua própria morte? Porque diriges tantas vezes os teus olhos inquietos para aquela árvore? Porque te agrada olhar para o que não podes comer? Respondes-me: «Aproximo-me apenas com os olhos, não com as mãos. Foi-me proibido comer, não olhar. Não posso voltar para onde quiser estes dois olhos que Deus deixou ao meu dispor?» O Apóstolo responde: «Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém.» Olhar não é pecado, mas é sinal de que o pecado se aproxima. Se a tua alma se mantiver vigilante, a curiosidade não encontrará tempo livre. Isto também não é pecado, mas torna-te propensa a faltar. É vestígio do pecado cometido e causa daquele que ainda virá.

§ 3 Quando olhas ansiosamente para a árvore proibida, a serpente introduz-se às escondidas no teu coração e fala-te com lisonjas. Sufoca o teu coração com palavras agradáveis e, com mentiras, dissipa o teu temor, repetindo-te: «Morrer? De modo nenhum!» Estimula a tua gula, fazendo crescer a ansiedade, e aguça a curiosidade ao despertar o desejo. Oferece-te o que é proibido e tira-te aquilo que já tens. Dá-te uma maçã e rouba-te o paraíso. Ao engolires o veneno, morrerás e darás à luz os que hão de morrer. Perdeu-se a salvação, mas os homens continuam a nascer. Nascemos e morremos. Nascemos para morrer, porque morremos antes de nascer. Este é o pesado jugo que oprime os teus filhos até hoje.

REFLEXÃO SOBRE O SERAFIM APÓSTATA, NÃO TOMADA DOS DOUTORES, MAS FORMULADA PELO PRÓPRIO AUTOR

Capítulo 31

§ 1 E tu, imagem da semelhança divina, que não viveste no paraíso, mas possuíste as delícias do paraíso de Deus, que mais podes desejar? Estás

cheio de sabedoria e a tua beleza é perfeita. Não pretendas o que te ultrapassa nem procures conhecer o que te está escondido. Aceita aquilo que és. Não percas o que tens por aspirares a grandezas superiores às tuas capacidades. Porque olhas de soslaio para o norte? Vejo que ambicionas com demasiado empenho coisas que te ultrapassam. «Colocarei o meu trono», dizes tu, «para os lados do norte.» Todos os outros habitantes do céu permanecem de pé nos seus lugares; só tu pretendes sentar-te e perturbar a concórdia dos irmãos, a paz de toda a pátria celeste e, tanto quanto depende de ti, até o repouso da própria Trindade.

§ 2 Aonde te leva, infeliz, a tua ambição? Movido por uma presunção sem igual, não hesitas em escandalizar os habitantes do céu e em injuriar o Rei. Milhares e milhares O servem; milhões estão às suas ordens. Ali, ninguém aparece sentado, a não ser Aquele que está sentado sobre os querubins e a quem todos servem. Mas tu julgas ver algo que os outros não veem; examinas sem hesitação, investigas sem a menor reverência e ergues um trono no céu, pretendendo ser igual ao Altíssimo. Para quê? Em quem confias? Insensato, mede as tuas forças, pondera as consequências e pensa como o poderias realizar. Presumes levar a cabo tudo isto com o conhecimento do Altíssimo ou sem Ele? Com a sua aprovação ou contra a sua vontade? Aquele cuja vontade é invencível e cujo conhecimento é perfeito, como poderia ignorar todo o mal que estás a preparar? Estás convencido de que Ele sabe, mas não quer ou não é capaz de Se opor? Se ainda reconheces que és uma criatura, não te atrevas a duvidar da onnipotência, do conhecimento ou da bondade infinita do Criador, que quis, soube e pôde criar-te do nada tal como és. Como te ocorre pensar que Deus consentirá aquilo que não quer e que pode impedir?

§ 3 Parece-me que já se realiza em ti — ou, melhor, que és o primeiro a fazer aquilo que, depois de ti, costumam dizer os que seguem o teu exemplo: «Acaso um senhor cria pessoas desleais na sua própria casa?» Ou será que olhas com maus olhos para o facto de Ele ser bom? Ao abusares temerariamente da sua bondade, tornas-te insolente perante o seu conhecimento e atrevido perante o seu poder.

§ 1 É isto, infeliz, é isto que pensas. É este o crime que planeias no teu leito, dizendo: «Irá o Criador destruir a obra das suas mãos? Sei muito bem que nenhum dos meus pensamentos se esconde de Deus, porque Ele é Deus. Sei que este meu pensamento não Lhe agrada, porque Deus é bom. Sei também que, se Ele quiser, não poderei escapar das suas mãos, porque é poderoso. Mas terei de O temer? Se, por ser bom, o meu mal não Lhe pode agradar, muito menos Lhe poderá agradar fazer o mal. O meu mal consiste em querer algo contrário à sua vontade; o seu mal seria vingar-Se. Assim como não quer nem pode deixar de ser bom, também não pode querer vingar-Se.» Enganas-te, infeliz; enganas-te a ti próprio, não a Deus. Enganas-te, repito: a iniquidade mente a si mesma, não a Deus. Ages fraudulentamente, e fazes isso na sua presença. Por isso, enganas-te a ti, não a Deus. Em troca de um bem tão imenso, preparas contra Ele um mal tão grande. Com razão a tua iniquidade atrai sobre ti a aversão de Deus.

§ 2 Pode haver maior perversidade do que desprezar Deus precisamente naquilo pelo qual mais merece ser amado? Não duvidas do poder de Deus, sempre capaz de te criar e de te destruir. E, no entanto, como é reprovável a tua atitude ao abusares da sua imensa bondade, pensando que Ele não reagirá quando Lhe retribuíres o bem com o mal e o amor com o ódio!

Capítulo 33

§ 1 Tal perversidade merece, não uma ira passageira, mas uma aversão eterna, porque desejas e pretendes equiparar-te ao teu dulcíssimo e altíssimo Senhor. Ele suporta-te e não te afasta da sua presença, embora o pudesse fazer. Prefere tolerar aquilo que Lhe desagrada a ver-te perdido. Não Lhe custaria nada lançar-te na perdição; mas tu julgas que a sua indulgência não Lho permite. Se Deus fosse como tu pensas, seriam enormes a tua perversidade e a tua falta de amor. E, se Ele prefere suportar uma ofensa a causar-te algum mal, quão grande é a tua malícia e quão insensível és para com esse Senhor que, ao perdoar-te, não poupa a Si próprio!

§ 2 Apesar de tudo, a sua perfeição não O impede de ser simultaneamente bom e justo. A verdadeira bondade assenta na justiça, não na fraqueza. Mais ainda, a mansidão sem justiça não é virtude. És ingrato, porque existes graças à bondade gratuita de Deus: foi por ela que, sem

mérito teu, foste criado. Não temes a justiça que ainda não experimentaste e entregas-te com paixão à maldade, pretendendo falsamente ficar impune. Há de chegar o momento em que experimentarás como é justo Aquele que conhecestes como bom. Então cairás na cova que preparaste para o teu Criador. Planeias uma ofensa. Ele poderia evitá-la, se quisesse. Mas, segundo o que pensas, é incapaz de querer evitá-la, porque a sua bondade O impediria de te castigar.

§ 3 Deus, que é justo e não pode nem deve permitir que a sua bondade seja ofendida impunemente, fará recair com toda a justiça sobre ti o peso da tua maldade. Moderará, porém, de tal modo a sentença pronunciada em sua defesa que, se quiseses emendar-te, não te negará o perdão. Contudo, dada a tua obstinação e a dureza do teu coração, não serás capaz de o querer. Suportarás para sempre o castigo.

Capítulo 34

§ 1 Escuta agora esta afirmação de grande alcance: «O céu é o meu trono; a terra, o escabelo dos meus pés.» Não disse «o Oriente» ou «o Ocidente», nem qualquer outra parte do céu, mas: «Todo o céu é o meu trono.» Não podes sentar-te em parte alguma do céu: Ele escolheu-o inteiro para Si. Também não podes fazê-lo na terra: ela é o escabelo dos seus pés. A terra é um lugar firme, onde assenta a Igreja fundada sobre a rocha sólida. Que vais fazer? Foste expulso do céu e não podes ficar na terra. Procura um lugar no ar, não para te sentares, mas para voares. Então sentirás o castigo de uma instabilidade incessante, tu que tentaste perturbar a quietude da eternidade. Enquanto vagas entre o céu e a terra, o Senhor permanece sentado num trono alto e excelso, e toda a terra está cheia da sua majestade. Não encontrarás outro lugar senão o ar.

Capítulo 35

§ 1 Os serafins, com as asas da contemplação, voam do trono ao escabelo e do escabelo ao trono; com as outras asas, cobrem a cabeça e os pés do Senhor. Penso que este lugar lhes foi atribuído com uma finalidade precisa. Assim como um querubim impedia o homem de entrar no paraíso, também um serafim põe termo à tua curiosidade. Doravante, já não

investigarás com tanto descaramento e tão pouca modéstia os segredos do céu; nem poderás conhecer os mistérios da Igreja na terra. Apenas te sentirás à vontade entre os corações soberbos, que não se acomodam na terra como os outros homens nem voam para o céu como os anjos.

§ 2 Embora no céu te seja ocultada a cabeça do Senhor e na terra te sejam ocultados os seus pés, é-te permitido ver alguma coisa desse mundo intermédio, para despertar a tua inveja. Enquanto permaneces suspenso no ar, vês os anjos descer e subir diante de ti, mas nada sabes daquilo que ouvem no céu nem do que anunciam na terra.

Capítulo 36

§ 1 Ó Lúcifer, que despontavas como a aurora! Agora já não és portador da luz: és portador da noite e da morte. O percurso que te fora traçado estendia-se do Oriente ao meio-dia. Mas tu mudas de direção e voltas-te para o norte? Apressas-te a subir às alturas, mas precipitas-te vertiginosamente nas trevas do ocaso.

§ 2 Curioso como és, gostaria de investigar em pormenor os motivos da tua curiosidade. «Colocarei o meu trono para os lados do norte», dizes tu. Como és um espírito, não me ocorre pensar que esse norte e esse trono sejam coisas materiais. Penso antes que o norte representa todos os homens que hão de ser condenados, e o trono, o domínio sobre eles. Se a proximidade de Deus te dava uma perspicácia sem igual e vias, na presciência divina, que os réprobos não resplandeciam com nenhum raio de sabedoria nem ardiam no amor do Espírito, encontraste aí uma espécie de lugar vazio. Propuseste-te dominá-los, iluminá-los com o brilho da tua astúcia e abrasá-los no ardor da tua maldade. Serias semelhante ao Altíssimo, que, com a sua sabedoria e bondade, governa todos os filhos da obediência. Tu, porém, proclamando-te rei de todos os filhos da soberba, pensavas governá-los com a tua malícia astuta e a tua astúcia maliciosa. Não compreendo como, tendo entrevisto o teu futuro domínio na presciência de Deus, não pressentiste a tua queda. E, se a pressentiste, que loucura a tua! Como se pode ambicionar um reino de tanta miséria e preferir uma realeza miserável a uma submissão feliz? Não é melhor participar no esplendor dos astros do que reinar nas trevas? Talvez não

tenhas calculado bem, provavelmente pela razão que acabo de indicar. Fixando-te na bondade de Deus, disseste no teu coração: «Ele não dá por isso.» E provocaste a ira de Deus, ó ímpio! Ou talvez, ao avistares o reino, a trave da soberba se tenha dilatado no teu olho e te tenha impedido de ver a ruína.

Capítulo 37

§ 1 Também José pressentiu que seria exaltado. Não soube antecipadamente que seria vendido, embora essa traição estivesse mais próxima do que a sua exaltação. Não quero com isto dizer que este grande patriarca tenha caído na soberba. O seu exemplo ensina-nos, porém, que aqueles que recebem o espírito de profecia e anteveem acontecimentos futuros podem ver uma parte sem ver o todo. Talvez alguém insista em afirmar que houve vaidade no facto de, sendo ainda adolescente, ele se entreter a contar sonhos cujo mistério desconhecia. Creio que essa atitude pertence mais ao domínio do mistério ou da ingenuidade infantil do que ao da vaidade. E, se por acaso nela houve algum vestígio de vaidade, bem pôde expiá-lo com tudo o que sofreu.

§ 2 Há ocasiões em que uma pessoa recebe revelações agradáveis e não consegue acolhê-las sem que, apesar disso, a mensagem revelada venha a cumprir-se. Qualquer vaidade apoiada na grandeza da revelação ou da promessa não ficará impune. Reparemos no médico: não usa apenas um unguento; também recorre ao fogo e ao bisturi. Com eles queima e corta as excrescências da ferida que vai tratar, para que não impeçam a ação curativa do unguento. Deus é o médico das almas. Envia à alma provações e tribulações que a afligem e humilham; transforma-lhe a alegria em pranto, e a verdade parece-lhe uma simples ilusão. Assim a alma fica livre da vaidade, sem que a verdade da revelação sofra prejuízo.

§ 3 Deste modo, a vanglória de Paulo é refreada pelo espinho na carne, ao mesmo tempo que ele recebe revelações frequentes. O mesmo sucede com a incredulidade de Zacarias: foi castigado com a mudez, mas nem por isso deixou de cumprir-se, a seu tempo, a verdade da mensagem. É assim que os santos progridem, através da honra e da afronta. Sentem-se atraídos pela vaidade humana e, ao mesmo tempo, recebem graças extraordinárias.

Deste modo, não podem esquecer o que são quando, pelo favor de Deus, percebem algo que os ultrapassa.

Capítulo 38

§ 1 Mas que têm as revelações a ver com a curiosidade? Introduzi este assunto porque queria mostrar que o anjo réprobo, antes da sua queda, podia ter entrevisto o domínio que viria a exercer sobre os homens réprobos, sem por isso conhecer antecipadamente a sua própria condenação. A propósito deste anjo, levantei algumas questões de pouca importância, às quais também não procurei dar resposta. Concluamos, pois, estas últimas reflexões: pela curiosidade saímos do caminho da verdade. Primeiro, olha-se com curiosidade para aquilo que depois se deseja ilicitamente e se ambiciona com presunção. É evidente que a curiosidade ocupa o primeiro dos graus da soberba, que, segundo a opinião da grande maioria, é a origem de todo o pecado. Se não for rapidamente reprimida, depressa conduzirá à leviandade de espírito, que é o segundo grau.

SEGUNDO GRAU: A LEVIANDADE DE ESPÍRITO

Capítulo 39

§ 1 O monge que não cuida de si próprio observa os outros com curiosidade. Aos que considera superiores a si, estima-os um pouco; aos que julga inferiores, despreza-os. Nos primeiros vê qualidades que o consomem de inveja; nos segundos, comportamentos que lhe provocam troça. Daqui resulta que o seu espírito, agitado pelo movimento incessante dos olhos e inteiramente alheio ao cuidado de si mesmo, ora quer elevar-se pela soberba, ora se deixa abater profundamente pela inveja. Num momento, enche-se de maldade e consome-se de inveja; no momento seguinte, ri-se como uma criança, satisfeito com a sua própria glória. Na primeira atitude manifesta maldade; na segunda, vaidade; e em ambas, soberba. É o amor da própria glória que o faz sofrer quando alguém o supera e alegrar-se quando se sente superior.

§ 2 Estas mudanças de espírito revelam-se na sua maneira de falar: umas vezes é breve e mordaz; outras, fala muito e sem dizer nada de

substancial. Ora desata a rir, ora rompe a chorar, e age sempre sem refletir. Se quiseses, compara estes dois graus da soberba com os últimos graus da humildade e observa como, no último, se refreia a curiosidade e, no penúltimo, a leviandade. Verás o mesmo nos restantes graus, se os comparares entre si. Mas passemos a explicar o terceiro grau, sem cair nele.

TERCEIRO GRAU: A ALEGRIA TOLA

Capítulo 40

§ 1 É próprio dos soberbos desejarem sempre ocasiões de divertimento e afastarem as tristes, pois «o coração do insensato está onde há folia». O monge, depois de descer os dois primeiros graus da soberba, passa da curiosidade à leviandade de espírito. Ao ver o bem dos outros, sente uma alegria que desejaria experimentar, mas que vem sempre misturada com tristeza; e não consegue suportar essa experiência humilhante. Procura então o recurso a uma falsa consolação. Reprime a curiosidade para não ter de encarar a sua própria inferioridade e as qualidades dos outros. Volta-se para o extremo oposto: destaca aquilo em que julga sobressair e diminui dissimuladamente as excelentes qualidades alheias. Assim pretende fechar os olhos ao que considera a causa da sua tristeza e viver numa alegria fingida e permanente. Oscilando entre a alegria e a tristeza, acaba por cair na armadilha da alegria tola. É aqui que situo o terceiro grau da soberba.

§ 2 Tens aqui sinais suficientes para reconhecer este grau em ti ou nos outros. Nunca verás essas pessoas gemer ou chorar. Se as observares por um momento, pensarás que se esqueceram de si próprias ou que ficaram livres dos seus pecados. Mas os seus gestos revelam leviandade; o rosto, aquela alegria tola; e o modo de andar, vaidade. São dadas a gracejos e riem-se com facilidade. Como apagaram da memória tudo o que poderia humilhá-las ou entristecê-las, sonham com todas as qualidades que imaginam possuir. Só pensam no que lhes agrada e são incapazes de conter o riso ou de disfarçar a sua alegria tola.

§ 3 Parecem-se com uma bexiga cheia de ar: se a picares com uma agulha e a apertares, faz barulho enquanto esvazia. O ar, ao passar pelo orifício quase invisível, produz sons repetidos e invulgares. O mesmo

acontece ao monge que encheu o coração de pensamentos vãos e presunçosos. A disciplina do silêncio não lhe permite deixar sair livremente o ar da vaidade. Por isso, expulsa-o à força pela boca, entre gargalhadas. Muitas vezes, envergonhado, esconde o rosto, comprime os lábios, aperta os dentes, ri-se a custo e deixa escapar risadas como que contra a sua vontade. Mesmo tapando a boca com as mãos, ainda lhe saem pelo nariz alguns sons de riso.

QUARTO GRAU: A JACTÂNCIA

Capítulo 41

§ 1 Se a vaidade ganhar corpo e a bexiga continuar a inchar, chega a um ponto em que precisa de uma abertura maior; caso contrário, pode rebentar. É o que acontece ao monge que ultrapassa a alegria vã. Já não lhe basta a pequena saída do riso ou dos gestos e exclama, como Eliú: «O meu peito é como vinho sem saída, prestes a fazer rebentar odres novos.» Se não falar, rebenta. Está cheio de palavras, e o ar que traz dentro de si oprime-o. Anseia por encontrar ouvintes diante dos quais possa exhibir as suas vaidades, dizer tudo o que pensa e mostrar quem é e quanto vale. À primeira oportunidade, se a conversa for sobre assuntos eruditos, traz à colação sentenças antigas e novas e encadeia um discurso cheio de palavras pomposas. Antecipa-se às perguntas e responde até a quem nada lhe perguntou. Levanta questões, resolve-as ele próprio e interrompe o interlocutor antes de este acabar de falar. Quando soa o sinal para terminar a conversa, a longa hora que passou parece-lhe um instante. Pede autorização para retomar as suas histórias fora da hora estabelecida. É claro que não o faz para edificar alguém, mas para exhibir o que sabe. Poderia edificar, mas não é isso que pretende. Não procura ensinar-te nem aprender com o que sabes, mas demonstrar-te que também ele sabe alguma coisa.

§ 2 Se a conversa for sobre religião, logo menciona visões e sonhos. Depois elogia o jejum, recomenda as vigílias e fala longamente da oração. Discorre abundantemente sobre a paciência, a humildade e cada uma das virtudes com uma ligeireza espantosa. Se o ouvires, dirás que «a boca fala da abundância do coração» e que «o homem bom tira coisas boas do seu tesouro de bondade».

§ 3 Se a conversa descambar para a simples diversão, mostra-se então um prodígio de loquacidade, perfeitamente à vontade no assunto. Quem o ouvir dirá que da sua boca corre uma torrente de vaidade, uma avalanche de piadas grosseiras, capaz de levar à leviandade até as pessoas mais sensatas e reservadas. Resumindo tudo em poucas palavras: no falar excessivo revela-se a jactância. Ficou assim descrito e enumerado o quarto grau. Foge dele, mas guarda na memória esta descrição. Com esta advertência, passemos ao quinto, a que chamo «singularidade».

QUINTO GRAU: A SINGULARIDADE

Capítulo 42

§ 1 Seria vergonhoso, para aqueles que se julgam superiores aos outros, não fazerem nada de extraordinário nem chamarem a atenção para a sua suposta superioridade. Já não lhes bastam a regra comum do mosteiro nem o exemplo dos mais velhos. Não procuram ser melhores, mas parecê-lo. Não desejam viver melhor, mas ostentar uma superioridade que lhes permita dizer: «Não sou como os outros.» Um deles gaba-se mais de jejuar num único dia em que os outros comem do que se tivesse jejuado sete dias com toda a comunidade. Uma breve oração particular parece-lhe mais proveitosa do que a salmodia de uma noite inteira. Durante a refeição, percorre com os olhos as outras mesas. Se vê alguém comer menos, sente que sofreu uma derrota. Começa então a privar-se, sem qualquer prudência, daquilo que antes julgava dever comer, temendo mais perder a estima dos outros do que passar fome. Se encontra alguém mais magro e pálido, considera-se inferior e perde o sossego. Como não pode ver o próprio rosto nem saber a impressão que causa aos outros, examina as mãos e os braços, apalpa as costelas, as clavículas e as omoplatas. Assim procura adivinhar, pelo estado dos membros, mais ou menos descarnados, o aspeto que o seu rosto terá.

§ 2 Está sempre atento aos seus próprios interesses e é indolente nos assuntos comuns. Faz vigília na cama e dorme no coro. Passa adormecido toda a noite, durante o canto das vigílias. Depois, enquanto os outros desfrutam do sossego do claustro, fica sozinho no oratório: pigarreia, tosse e, do canto onde se encontra, perturba com gemidos e suspiros os que estão

sentados lá fora. Com estas excentricidades sem mérito, adquire excelente reputação entre os mais ingênuos. Estes tomam por verdadeiro o que veem, sem se deterem a pensar de onde vem a fama de santidade atribuída a tal pessoa; e deixam-se enganar.

SEXTO GRAU: A ARROGÂNCIA

Capítulo 43

§ 1 O arrogante acredita em tudo o que de bom se diz a seu respeito. Elogia tudo o que faz e não se preocupa com as intenções que o movem. Esquece-se dos motivos das suas ações e deixa-se levar pela opinião dos outros. Em qualquer outro assunto, confia mais no seu próprio juízo do que no alheio; só quando se trata de si mesmo acredita mais nos outros do que em si. Embora a sua vida seja pura conversa e ostentação, considera-se a própria encarnação da vida monástica e, no íntimo do coração, julga-se o mais santo de todos. Quando alguém elogia um aspeto da sua pessoa, não atribui o elogio à ignorância ou à benevolência de quem o faz, mas, arrogantemente, aos seus próprios méritos. Assim, depois da singularidade, a arrogância reclama para si o sexto grau. Segue-se a presunção, que é o sétimo.

SÉTIMO GRAU: A PRESUNÇÃO

Capítulo 44

§ 1 Quem está convencido de que supera os outros, como não há de presumir mais de si do que deles? Nas reuniões, senta-se no primeiro lugar. Nas deliberações, adianta-se a dar a sua opinião. Aparece onde não foi chamado e mete-se no que não lhe diz respeito. Reorganiza o que já está organizado e refaz o que já está feito. Tudo aquilo em que não pôs as mãos lhe parece mal feito ou fora do lugar. Julga os tribunais e antecipa o julgamento dos que ainda vão ser julgados. Se, ao redistribuírem os cargos, não o nomeiam prior, pensa que o abade é invejoso ou está enganado. Se lhe confiam uma tarefa de pouca importância, enfurece-se e despreza-a, convencido de que alguém tão capaz de grandes empreendimentos não se deve ocupar de assuntos triviais.

§ 2 É impossível acertar sempre, sobretudo para quem se intromete em tudo com tanta precipitação, mais por temeridade do que por prontidão em ajudar. Compete ao superior corrigir quem erra; mas como reconhecerá a sua falta alguém que nem se julga culpado nem tolera que assim o considerem? Por isso, quando lhe apontam uma falta, não a corrige: agrava-a. Se, ao ser corrigido, vires que responde com palavras ofensivas, compreenderás que caiu no oitavo grau, chamado «a desculpa dos pecados».

OITAVO GRAU: A DESCULPA DOS PECADOS

Capítulo 45

§ 1 Há muitas maneiras de arranjar desculpas para os pecados. Quem se desculpa diz: «Não fui eu que fiz isso»; ou: «Fui eu, mas fiz o que devia.» Se fez alguma coisa mal, diz: «Não foi assim tão mal.» Se agiu muito mal, afirma: «Não tive má intenção.» Se o convenceres de que teve má intenção, esforça-se, como Adão e Eva, por se desculpar, dizendo que outros o persuadiram. Quem desculpa descaradamente faltas evidentes, como poderá revelar humildemente ao abade os pensamentos maus e escondidos que lhe chegam ao coração?

NONO GRAU: A CONFISSÃO FINGIDA

Capítulo 46

§ 1 Embora todas estas formas de desculpa sejam más e o profeta lhes chame «palavras maliciosas», a confissão enganadora e soberba é ainda mais perigosa do que a desculpa atrevida e obstinada. Há pessoas que, ao serem repreendidas por faltas evidentes, sabem que ninguém acreditará nelas se tentarem defender-se. Encontram então, com muita astúcia, outro argumento em sua defesa: respondem com palavras que parecem uma verdadeira confissão. Como está escrito, «há quem se humilhe com malícia, enquanto por dentro está cheio de enganos». Baixam o rosto e inclinam o corpo. Esforçam-se por derramar algumas lágrimas; suspiram e soluçam. Vão além da simples desculpa: confessam-se culpadas até ao exagero. Quando lhes ouves contar, pela sua própria boca, pormenores impossíveis e

incríveis que agravariam a falta, começa a duvidar até daquilo que tinhas por certo. Trazem nos lábios uma confissão que mereceria louvor, mas a iniquidade permanece escondida no coração. Quem as ouve julga que se acusam mais por humildade do que por respeito à verdade e aplica-lhes aquelas palavras da Escritura: «O justo, ao começar a falar, acusa-se a si mesmo.»

§ 2 Perante os homens, prefere faltar à verdade a perder a reputação de humilde; perante Deus, porém, perde tanto a verdade como a humildade. Se a falta é tão clara que não pode ser escondida por nenhum artifício, adota as palavras de quem está arrependido, mas não o seu coração. Com essas palavras apaga a má impressão, não a culpa. Assim, a evidência de uma transgressão claríssima fica encoberta pelo gesto aparentemente nobre de uma confissão pública.

Capítulo 47

§ 1 Como é preciosa a humildade! Até a soberba procura revestir-se dela para não mostrar a sua fealdade. Mas o superior depressa descobre esse artifício, se não se deixar comover facilmente por aquela falsa humildade nem esconder a falta ou adiar o castigo. «O forno põe à prova os vasos do oleiro»; a tribulação distingue os verdadeiros penitentes. Quem faz penitência de verdade não rejeita o esforço que ela exige; aceita com paciência e sem a menor queixa qualquer ordem que lhe seja dada para reparar uma falta que detesta. E, se durante a obediência surgirem dificuldades ou ofensas de qualquer espécie, suporta-as sem desfalecer. Mostra assim que vive no quarto grau da humildade.

§ 2 Pelo contrário, aquele que se acusa fingidamente, quando é posto à prova por uma ofensa, ainda que insignificante, ou por um castigo mínimo, já não consegue aparentar humildade e esconder o seu fingimento. Resmunga, enfurece-se, deixa-se dominar pela ira e não dá qualquer sinal de se encontrar no quarto grau da humildade. Revela antes que chegou ao nono grau da soberba, ao qual, pelo que descrevi, se pode chamar com toda a propriedade «confissão fingida». Que enorme perturbação agita o coração do soberbo! Quando a fraude é descoberta, perde a paz, vê a reputação enfraquecer e a culpa permanece intacta. Por fim, todos o apontam a dedo e

o condenam; a indignação aumenta à medida que descobrem o engano de que até então foram vítimas. O superior deve manter-se firme e lembrar-se de que, se lhe perdoar sem o corrigir, ofenderá todos os outros.

DÉCIMO GRAU: A REBELIÃO

Capítulo 48

§ 1 O fingido já não tem remédio, a menos que a misericórdia divina lhe estenda a mão compassiva. É quase impossível que aceite as acusações dos outros. O mais habitual é tornar-se ainda mais obstinado ao verificar que a sua situação se tornou desesperadamente difícil. Cai assim no décimo grau e revolta-se. Doravante, já não haverá apenas manifestações pessoais de arrogância ou desprezos dissimulados pelos irmãos. As desobediências e as afrontas ao próprio mestre tornam-se claras como a luz do dia.

Capítulo 49

§ 1 Tenhamos presente que todos estes graus, doze ao todo, podem reduzir-se a três grupos. Os seis primeiros dizem respeito ao desprezo pelos irmãos; os quatro seguintes, ao desprezo pelo mestre; os dois últimos, ao desprezo por Deus. Não esqueçamos também que estes dois últimos graus da soberba correspondem, em ordem inversa, aos dois primeiros graus da humildade, que devem ser subidos antes de se entrar na vida comunitária.

§ 2 Por essa mesma razão, nenhum irmão deveria chegar a esses dois graus. A própria Regra pressupõe que os graus correspondentes da humildade já foram subidos, como se lê a propósito do terceiro: «O terceiro grau», diz ela, «consiste em submeter-se, por amor de Deus, ao superior com uma obediência sem limites.» Se a submissão se encontra no terceiro grau, o noviço adquire-a quando se junta à comunidade. Supõe-se, portanto, que já subiu os dois graus anteriores. Afinal, quando um monge despreza a concórdia dos irmãos e as ordens do mestre, que faz no mosteiro senão causar escândalo?

DÉCIMO PRIMEIRO GRAU: A LIBERDADE DE PECAR

Capítulo 50

§ 1 Depois do décimo grau, a que chamámos rebelião, o monge é expulso do mosteiro ou sai por sua própria iniciativa. Cai imediatamente no décimo primeiro grau e começa a seguir caminhos que parecem direitos aos homens, mas cujo fim, se Deus não o impedir, o precipita nas profundezas do inferno, isto é, no desprezo de Deus. «Quando o ímpio chega ao fundo do pecado, cai também no desprezo.» Por isso, o décimo primeiro grau pode chamar-se «liberdade de pecar». Agora, o monge já não vê um mestre a quem tema nem irmãos a quem respeite. Entrega-se aos seus desejos tanto mais despreocupadamente quanto mais livre se sente daqueles que, de certo modo, o continham pela vergonha ou pelo temor.

§ 2 Se já não teme os irmãos nem o abade, resta-lhe ainda uma réstia de temor de Deus. A razão, que ainda lhe faz ouvir alguma advertência, antepõe esse temor ao desejo, e ele pratica atos ilícitos, mas não sem algum pesar. Imita quem atravessa um rio a vau: não se lança de uma vez à corrente; entra pouco a pouco no fluxo dos vícios.

DÉCIMO SEGUNDO GRAU: O HÁBITO DE PECAR

Capítulo 51

§ 1 Depois de, por um terrível juízo de Deus, os primeiros pecados ficarem sem castigo, repete-se com agrado o prazer já experimentado; com a repetição, ele torna-se atraente. Sob o ardor da concupiscência, a razão adormece e o hábito escraviza-a. O infeliz sente-se arrastado para o abismo das maldades. Cativo da tirania dos vícios, fica de tal modo aturdido no turbilhão dos desejos carnavais e esquecido da razão e do temor de Deus que diz para consigo, como o insensato: «Não há Deus.» Doravante, a sua norma moral é o prazer, e já nada impede o seu espírito, as suas mãos e os seus pés de pensarem, executarem e procurarem coisas ilícitas. Malicioso, fanfarrão e transgressor, planeia, diz e faz tudo o que lhe vem ao coração, à boca ou às mãos.

§ 2 Tal como o justo, depois de subir todos os graus, corre para a vida com o coração alegre e sem esforço, levado pelo bom hábito, também o

ímpio, depois de descer todos os graus correspondentes, já não se orienta pela razão nem se contém pelo freio do temor: os maus hábitos impedem-no, e ele lança-se temerariamente para a morte. Entre estes dois extremos estão aqueles que se esforçam e se angustiam: atormentados pelo medo do inferno ou presos aos antigos maus hábitos, debatem-se entre contínuas subidas e descidas.

§ 3 Só correm sem tropeçar nem se cansar os que estão no grau mais alto ou no mais baixo. Uns avançam depressa para a morte; outros, para a vida. Estes caminham com alegria; aqueles precipitam-se vertiginosamente. Os primeiros são estimulados pela caridade; os segundos, arrastados pela paixão. Nem uns nem outros sentem o peso da vida, pois tanto o amor perfeito como a iniquidade consumada afastam todo o temor. A uns, a verdade dá segurança; a outros, a cegueira. Por conseguinte, o décimo segundo grau pode chamar-se «hábito de pecar»: um hábito em que se perde o temor de Deus e se cai no desprezo por Ele.

Capítulo 52

§ 1 Diz o apóstolo João: «Não digo que se reze por alguém assim.» Queres então, ó apóstolo, que se desespere? Pelo contrário: quem o ama, reze. Talvez não pense em formular uma oração, mas não deixe de chorar. Que estou eu a dizer? Restará alguma esperança onde já não parece haver lugar para a oração? Escuta alguém que crê e espera, embora não peça expressamente: «Senhor, se tivesses estado aqui, o meu irmão não teria morrido.» Que fé tão grande! Acredita que o Senhor, se ali estivesse, poderia ter impedido a morte com a sua presença. E agora? Longe de nós pensar que aquela que acreditou que o Senhor podia conservar Lázaro vivo duvidasse de que podia ressuscitá-lo depois de morto. Apesar disso, diz: «Ainda agora sei que Deus Te concederá tudo o que Lhe pedires.» Depois, quando o Senhor lhe pergunta onde o puseram, responde: «Vem ver.» Para quê? Marta, dás-nos um admirável testemunho de fé. Mas, se tens tanta fé, porque pareces hesitar? «Vem ver», dizes-Lhe. Se não duvidas, porque não continuas: «e ressuscita-o»? Se duvidas, porque chamas inutilmente o Mestre? Será que a fé consegue por vezes aquilo que a oração não se atreve a pedir? Por fim, quando Ele Se aproxima do corpo, deténs-L'O e dizes: «Senhor, já cheira mal; está sepultado há quatro dias.» Dizes isto por

desconfiança ou por reserva? Também o Senhor ressuscitado fingiu que ia seguir viagem, quando na verdade queria ficar com os discípulos.

§ 2 Ó santas mulheres, amigas de Cristo! Se amais o vosso irmão, porque não pedis insistentemente a misericórdia do Senhor, já que não podeis duvidar da sua onnipotência nem da sua clemência? E elas respondem: «Embora pareça que não rezamos, é assim que rezamos melhor. Se à primeira vista parecemos duvidar, na realidade confiamos ainda mais. Damos testemunho da fé e manifestamos o amor. Ele não precisa que Lhe digam nada: sabe o que desejamos. Sabemos que tudo pode, mas um milagre tão grande, único e inaudito, embora esteja ao seu alcance, excede em muito os méritos da nossa humildade. Basta-nos abrir caminho ao seu poder e dar ocasião à sua bondade, preferindo esperar pacientemente o que Ele quiser a tentar obter com atrevimento o que talvez não queira. Pensamos, enfim, que a descrição deve suprir a falta dos nossos méritos.» Depois da grave falta de Pedro, ouço os seus soluços, não a sua oração; e, contudo, não duvido de que tenha sido perdoado.

Capítulo 53

§ 1 Aprende também com a Mãe do Senhor a ter grande fé nos milagres e a conservar uma certa descrição perante uma fé tão grande. Aprende a revestir a fé de modéstia e a refrear a presunção. «Não têm vinho», diz ela. Que sugestão tão breve e respeitosa! É a expressão da sua terna solicitude. Uma boa lição para situações semelhantes, nas quais é sempre melhor chorar com piedade do que pedir com presunção. Maria moderou o ardor da sua solicitude com a reserva da modéstia; temperou humildemente a plena confiança que inspirava a sua oração. Não se aproximou com atrevimento nem falou em público para anunciar diante de todos: «Acabou-se o vinho, os convidados estão descontentes, o noivo está embaraçado; anda, Filho, faz alguma coisa.» Ainda que o seu coração ardente e o seu afeto fervoroso lhe sugerissem estas e muitas outras palavras, a piedosa Mãe aproximou-se em privado do Filho poderoso e não incitou o seu poder: limitou-se a sondar a sua vontade. «Não têm vinho», disse. Poderá haver maior modéstia ou fé mais profunda? À sua solicitude não faltou fé; às palavras, gravidade; ao desejo, eficácia. Se ela, sendo Mãe e esquecendo-se dessa condição, não se atreveu a pedir o milagre do vinho, irei eu, servo desprezível, que tenho por

honra servir o Filho e a Mãe, ousar pedir a vida para alguém que está morto há quatro dias?

Capítulo 54

§ 1 O Evangelho fala também de dois cegos. Um recebeu a vista pela primeira vez; o outro recuperou-a: isto é, um tinha-a perdido e o outro nascera cego. Aquele que perdera a vista atraiu a grande misericórdia com os seus clamores intensos e comoventes; aquele que nascera cego, sem nada pedir, recebeu a luz d'Aquele que era a sua luz. Foi um dom inteiramente gratuito, em que a miséria se manifesta a par do prodígio. Por fim, a um disse o Senhor: «A tua fé te salvou»; ao outro, não. Leio também acerca de três ressurreições: duas pouco depois da morte e uma quando já tinham passado quatro dias desde a sepultura. Dos três casos, só aquela menina cujo corpo ainda estava em casa foi ressuscitada por causa das súplicas do pai; os outros dois foram uma admirável manifestação da bondade divina.

Capítulo 55

§ 1 Do mesmo modo, se acontecesse — Deus não o permita — que algum dos nossos irmãos morresse, não no corpo, mas na alma, enquanto ainda estivesse entre nós, eu, pecador, insistiria junto do Salvador, com as minhas orações e as de todos os irmãos. Se voltasse à vida, teríamos recuperado o nosso irmão. Mas, se não merecêssemos ser ouvidos, e os vivos já não pudessem conviver com aquele que está morto na alma, sepultaríamos o defunto. Eu, porém, continuaria a chorá-lo de todo o coração, embora já não rezasse com plena confiança. Não me atreveria a dizer em voz alta: «Vem, Senhor, e ressuscita o nosso morto.» Tremendo, com o coração suspenso, não deixaria de exclamar interiormente: «Talvez o Senhor escute o desejo dos humildes e o seu ouvido atenda os anseios do coração.» E ainda: «Farás maravilhas pelos mortos? Levantar-se-ão as sombras para Te louvar?» E, a respeito daquele que há quatro dias está encerrado: «Anuncia-se no sepulcro a tua misericórdia ou a tua fidelidade no reino da morte?» Entretanto, se quiser, o Salvador pode aparecer-nos de repente e inesperadamente, como que vindo ao nosso encontro, e comover-Se não pelas orações, mas pelas lágrimas dos que levam o defunto. Poderá,

por fim, restituir-lhe a vida ou, se já estiver sepultado, chamá-lo de entre os mortos.

§ 2 Chamei morto àquele que, ao desculpar os seus pecados, já caiu no oitavo grau. Com efeito, um morto, por já não estar entre os vivos, é incapaz de confessar os seus pecados. Quem ultrapassa o limiar do décimo grau da soberba — o terceiro, contando a partir do oitavo — é expulso da comunidade do mosteiro e levado a sepultar no túmulo da liberdade de pecar. Depois de passar pelo quarto grau, continuando a contar a partir do oitavo, já é um cadáver de quatro dias; e, ao cair no quinto, pelo hábito de pecar, é enterrado.

Capítulo 56

§ 1 Nunca deve cessar nos nossos corações a oração por essas pessoas, ainda que não nos atrevamos a rezar publicamente por elas. Também Paulo chorava por aqueles que tinham morrido sem arrependimento. E, embora eles próprios se excluam das orações da comunidade, não podemos deixar de nos compadecer deles como irmãos. Pensem no grande perigo em que se encontram: a Igreja, que reza com confiança pelos judeus, pelos hereges e pelos gentios, não se atreve a rezar publicamente por eles. Na Sexta-Feira Santa, quando reza expressamente por todas as classes de pecadores, não faz qualquer menção dos excomungados.

ÚLTIMAS PALAVRAS AO DESTINATÁRIO

Capítulo 57

§ 1 Talvez digas, irmão Godofredo, que escrevi sobre um assunto muito diferente daquele que me tinhas pedido e que eu te prometera tratar. Pode parecer-te que, em vez dos graus da humildade, descrevi os graus da soberba. Considera as minhas razões: não pude ensinar outra coisa senão aquilo que aprendi. Não me pareceu conveniente descrever a subida, pois tenho mais experiência da descida. Que São Bento te exponha os graus da humildade, que ele dispôs primeiro no seu coração. Quanto a mim, só posso mostrar-te a ordem que segui ao descer. Se refletires seriamente sobre ela, talvez encontres aqui o teu próprio caminho de subida. Se, a caminho de

Roma, encontrares um homem que vem de lá e lhe perguntares qual é o caminho para a cidade, que resposta melhor poderá dar-te do que indicar-te o percurso que acabou de fazer? Ao mencionar os castelos, as vilas e as cidades, os rios e os montes por onde passou, indica-te o seu caminho e, ao mesmo tempo, traça o teu. Quando retomares a marcha, reconhecerás esses mesmos lugares por onde ele acaba de passar.

§ 2 Sirva esta comparação. Na minha descida, provavelmente encontrarás os graus da subida; e, ao subi-los, reconhecê-los-ás muito melhor no teu coração do que neste meu pequeno tratado.